

Só 4,3% da população brasileira chegam aos 60 anos. E as estatísticas dizem que dos nossos 80 milhões de habitantes, apenas cinco milhões não carregam uma ou mais espécies de parasita no organismo. Esta reportagem conta o que são as endemias e

DO QUE MORRE O BRASILEIRO

Texto de Hamilton Ribeiro • Fotos de Jorge Butsuem

O velhinho entra no depósito de cobras do Instituto Butantã, em São Paulo, e começa uma briga por causa de uma jararacuçu do brejo:

— Vilela, eu quero essa *Driadofis Bifossatus Bifossatus*, ela é muito bonita.

— *Driadofis* o senhor já tem, professor. Leva esta *Eritrolampus Esculapi*.

— Não, Vilela, eu quero a *Eritrolampus*, mas quero também a *Driadofis*. Ora, Vilela, deixa de ser ridículo. Isso... põe na caixinha. Não tem nenhuma cobra-d'água?... Isso, na caixinha. Me dá também uma *Xenodon*, isso!

Vilela faz ar de riso, apanha uma cascavel de dentro do caixão cheio de cobras e faz que vai entregá-la ao professor. O velhinho se afasta depressa, em direção à porta de saída:

— Está vendo? Um carrasco, isso é que o Vilela é. Você quer me matar, não é? Você é um vampiro, Vilela, ah, ah, ah. Isso, um vampiro!

Vilela devolve a cascavel ao caixão e balança a cabeça:

— Esse professor, quem o vê me tratando dêsse jeito pensa que é um joão-ninguém.

Do depósito de cobras, o velhinho segue para a sua sala, onde, junto com um ajudante — o Joaquim — vai preparar lâminas e examiná-las nos microscópios do Instituto Adolfo Lutz, para qualificar as doenças que atacam as cobras do Brasil.

O velhinho nem chega a começar o trabalho. Um homem de meia idade, óculos grossos e rosto queimado de sol, entra e vai dizendo:

— Desta vez vamos, professor. Vou mesmo preparar a tese para a livre-do-

cência. Será que o senhor pode me orientar?

O velhinho encara o visitante e faz uma festa enorme:

— Joaquim, êste aqui é o dr. Mendes, ah, ah, ah. Foi meu aluno, hoje é um bichão, um grande cientista, passou todos os professôres para trás.

O dr. Mendes chega a ficar constrangido quando o velhinho lhe diz que mudará todo o programa da semana para discutirem juntos o assunto da tese.

— Mas, professor, o senhor não ia ao concerto da Filarmônica amanhã?

— Ia, Mendes, mas não vou mais. A sua tese é muito mais importante e vai ser uma honra para mim colaborar com ela.

É com orgulho que o jovem pesquisador — preparando agora o seu caminho na Universidade — marca o primeiro encontro com o velhinho. Ele é o professor Samuel B. Pessoa, reconhecido como nossa maior autoridade em doenças parasitárias, as que mais atacam a população brasileira. Primeiro catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, o prof. Pessoa dedicou-se durante 45 anos a essas doenças. Agora, um pouco mais surdo do que sempre foi, e com uma infecção que o obriga a tomar antibiótico várias vezes por dia — “é a doença do Papa, veja que honra!” — só quer saber é de doença de cobra.

— Mas, dr. Pessoa, quais as doenças que mais desgraçam a vida do brasileiro?

— Brava mesmo, só tem uma. As outras — esquistossomose, elefantíase, chagas, malária, impaludismo — são simples agravantes.

— E qual é essa endemia brava, doutor?

— Olha aqui, menino, vamos falar de cobras?

Quando nasce, o brasileiro só pode esperar viver pouco mais de 50 anos. Se fôr nordestino, a coisa muda, para pior: quase não chega aos 40. A idade média do brasileiro é de 54 anos — a mesma da Suécia, no século dezenove. Só 4,3% da população alcançam os 60 anos. O Brasil é um dos poucos países que ainda têm varíola no mundo, e é vice-campeão de mortalidade infantil (o campeão é a Índia). Segundo o Ministério do Planejamento, morrem 112 crianças por mil nascidas vivas, no país. O prof. Olímpio da Fonseca, da Guanabara, informa que em Fortaleza, há alguns anos, de mil crianças nascidas vivas, só 153 completavam o primeiro aniversário. A escritora Ivonne Jean juntou vários dados e fez as contas: morre uma criança cada 42 segundos, no Brasil. A Organização Mundial de Saúde diz em sua revista que de cada dois enterros feitos no Brasil, um é de criança com menos de cinco anos. Metade da população brasileira morre antes de completar 19 anos. A dra. Cecília Magaldi, da Clínica de Moléstias Tropicais e Infectuosas do Hospital das Clínicas de São Paulo, diz em suas aulas que de 1950 a 1959 morreram no Brasil — só de diarreia infecciosa — cerca de um milhão e 40 mil crianças com menos de um ano. A população de Roma.

O prof. Eduardo Alencar, do Ministério da Saúde, realizou certa vez, no Ceará, uma pesquisa sobre a eficácia de dois remédios contra uma doença chamada calazar. Apanhou 400 crianças doentes e as internou no Hospital de Sobral. Em 200 crianças aplicou certo

SEGUE